

Catarina Nunes de Almeida*

O que é a poesia hoje?

A poesia é tudo o que nos cala. Hoje como há dois milénios. Cala-nos porque possui as qualidades de um reagente – um reagente alquímico, diríamos – que contraria a linguagem e a nossa capacidade de rigorosamente compreender. A poesia explica o mundo de um ponto de vista que é essencialmente cordial. Exige corações ao alto. O poeta e o leitor nunca se tocam se um deles ficar preso à sintaxe bem-educada, à referencialidade, ao que as palavras querem dizer. A forma que ambos têm de dialogar é a vertigem, não há como escapar.

Ora, é justamente porque a poesia nos cala – ou porque constitui, para quem escreve e para quem lê, um intervalo de silêncio, um espanto, uma experiência numinosa – que hoje (como há dois milénios) há quem reconheça nela um bem de luxo. Isto porquê? Porque no nosso mundo veloz, material, consumível, a poesia não produz nada em concreto, nada que se veja, nada que determine, decifre ou resolva. Porventura não satisfaz sequer o propósito simples de entreter, ao contrário dos romances ou da BD, que a uns e a outros lá vão atenuando as longas estuchas nos comboios e nas repartições de finanças.

A poesia cobra o tempo de quem a lê, cobra sentido, vigilância. A poesia é para quem se pode demorar nesse lugar (afastado e rudimentar) que é ela própria, sem mapa, nem livro de instruções, nem habilitações prévias. É para quem escolhe estar parado e aceita ser muito lento de entendimento.

Nesse sentido cabe afirmar que a poesia, hoje como há dois milénios, não serve para nada. Muitos já o disseram antes de mim – a queridíssima Ana Luísa Amaral celebrava essa mesma inutilidade, a grandeza dessa inutilidade. Aliás, a natureza transgressora da poesia reside desde logo no facto de ter atravessado tantos mundos sem “uma aplicação prática”: «Com a poesia não se faz uma mesa, não se constrói uma casa». Se assim fosse, já teríamos sido esmagados pela indústria da poesia, pelos shopping centres da poesia, pelos institutos superiores de poesia aplicada e as suas propinas altíssimas. Nada disso. A poesia requer engenho mas não é engenhosa. É por isso que lhe faltam cada vez mais prateleiras nas livrarias. Entramos na casa do tio, da vizinha, da amiga de infância e os livros de poesia que encontramos parecem dentes na boca de um velhinho. Mal se vêem: resistem apenas, aqui e ali. Não tem mal que assim seja. A poesia é também isso: um acto de resistência, qualquer coisa que, ao produzir o mundo, confronta o mundo, uma flor irascível que floresce aqui e ali.

É importante que se diga que o poema nunca está do lado de quem o lê – o poema é um bicho. É obscuro e tem o dom de obscurecer. Mas paira sobre esse mistério, sobre essa sombra, qualquer coisa de prodigioso. O poema (um bom poema) transgride o tempo, adianta-se à nossa consciência e, como um rito de passagem, ele acrescenta algo, ele acrescenta-nos. Porquê? Porque a poesia ainda medeia entre os homens e os deuses, quero acreditar. A sua missão é desviar-nos, eriçar-nos o pêlo, expulsar-nos do paraíso. A nossa incumbência de leitores é dar-lhe chão, é autorizá-la.

NOTA

* Catarina Nunes de Almeida (Lisboa, 1982) é investigadora no Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde coordena o subgrupo de trabalho «ORION – Orientalismo Português», no âmbito do qual tem publicado diversos estudos. É também docente na mesma Faculdade. Tem seis livros de poesia publicados: *Prefloração* (2006), *A Metamorfose das Plantas dos Pés* (2008), *Bailias* (2010), *Marsupial* (2014), *Achamento, com Marta Bernardes* (2015), e *Livro Redondo* (2019). Para os mais pequenos escreveu *O Dom da Palavra* (2016).